



**Paulo
Leminsky
Toda
Poesia**

apresentação

Alice Ruiz S

Este livro é antes de tudo uma vida inteira de poesia. Uma vida totalmente dedicada ao fazer poético. Curta, é verdade, mas intensa, profícua e original.

A análise crítica, melhor deixá-la aos especialistas; aqui, me compete lembrar a história/vida dos livros que enfim compõem este livro único.

Um dos primeiros poemas do Paulo, talvez mesmo o primeiro, foi escrito em latim, na segunda infância, nos tempos em que ele estudou no Internato Paranaense. A convivência precoce com o clero lhe deu ímpetus de clausura, mais pelo facilitado recolhimento que é tão propício ao estudo dos movimentos da alma e das riquezas da palavra do que propriamente pela fé religiosa. Não que ela não estivesse presente, mas havia também uma energia viril, aquela que nos faz querer conquistar o mundo e absorver o que ele tem para ensinar. Assim, a clausura durou pouco, como qualquer arroubo da adolescência, mas foi suficiente para deixar raízes, pois o amor pelo conhecimento, uma vez despertado, não se apaga facilmente.

A primeira vez que vi o Paulo foi na entrega dos prêmios de um concurso de poesia em Curitiba. Todos os poemas premiados eram lidos por seus autores e o dele foi o único que me disse algo de inovador e contundente. Uma dicção tão original deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri, na época, mas aquele poema de construção impecável não poderia passar em branco. Assim, aquele que merecia o primeiro lugar levou apenas uma menção honrosa. O tempo haveria de corrigir esse equívoco, já que os primeiros lugares daquele concurso não estão em nenhum lugar especial hoje, bem diferente dele.

Quatro anos depois, fui levada por amigas ao seu aniversário de 24 anos.

Nosso primeiro assunto foi poesia. O último também.

Passamos a maior parte da festa em seu escritório e quase fui soterrada por uma profusão de palavras, ideias e projetos (o *Catatau*, por exemplo, tinha apenas oito páginas e ainda se chamava *Descartes com lentes*). Falamos de autores que nós dois já admirávamos, e ele me apresentou os “haikaistas” e os poetas concretos, que eu desconhecia. Enquanto isso, eu, recém-chegada do Rio de Janeiro, onde vivera por dois anos, lhe apresentei o que a música popular brasileira estava produzindo de mais novo (em todos os sentidos), particularmente o Tropicalismo, que ainda não o tinha tocado.

Assim como o amor, a poesia e a música foram crescendo em nossa vida em comum.

Em 1976, quando o fotógrafo Jack Pires chegou com a proposta de fazer um livro em conjunto com Paulo, espalhamos as fotos dele pelo chão e fomos procurando, entre os poemas curtos, quais conversavam ou rimavam com aquelas imagens. Foi assim que nasceu a primeira publicação de uma pequena parte de sua poesia, o *Quarenta clics*, editado em Curitiba.

Toda
Poesia

você me alice
eu todo me aliciasse
asas
todas se alassem
sobre águas cor de alface
ali
sim
eu me aliviasse

• .

quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência

vou largar da vida louca
e terminar minha livre-docência

vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito

vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito

então ver tudo em sã consciência
quando acabar esta adolescência

•

Desculpe, cadeira,
está pisando no meu pé.
Desse jeito, mais parece
esta mesa: nada mais faz
que cansar minha beleza.

Vocês vão ver uma coisa.
Nem porque é de ferro
pode moer meu dedo
este prego, o martelo.

Vocês não têm cabeça.
Não passam de objeto.
Vocês nunca vão saber
quanto dói uma saudade
quando perto vira longe
quanto longe fica perto.

Desculpe, cadeira,
está pisando no meu pé.
Desse jeito, mais parece
esta mesa: nada mais faz
que cansar minha beleza.

Quanto ao resto — até.



carta ao acaso

a carta do baralho
grande gilete
corta sem barulho
o olho do valete
o rei a fio de espada
a água e a farinha
uma só passada
a espada na rainha



soubesse que era assim
não tinha nascido
e nunca teria sabido

ninguém nasce sabendo
até que eu sou meio esquecido
mas disso eu sempre me lembro



nuvens brancas
passam
em brancas nuvens



beija
flor
na chuva

gota
alguma
derruba

•

na rua
sem resistir

me chamam

torno a existir

•

lua de outono
por ti
quantos s/ sono

•

pele
branco
magrão

o
azul
manhã
vermelho
e

nem toda hora
é obra
nem toda obra
é prima
algumas são mães
outras irmãs
algumas
clima

**eu
tão isósceles
você
ângulo
hipóteses
sobre meu tesão**

**teses
sínteses
antíteses
vê bem onde pises
pode ser meu coração**

SOL
LUA
POR QUE SÓ UM
DE CADA
NO CÉU
FLUTUA

a impressão do teu
corpo no meu

mexeu





KAMI QUASE

meu eu brasileiro

quisera poder pensar
como se faz no velho mundo
eles me querem espelho
como se não tivesse mistério
essa minha falta de assunto



para umas noites que andam fazendo

deixe eu abrir a porta
quero ver se a noite vai bem

quem sabe a lua lua
ou nos sonhos crianças
sombras murmuram amém

deixa ver quem some antes
a nuvem a estrela ou ninguém



| | | |
|------------|----------------|--------------|
| W | (VENTO) | (WE) |
| INTER | (INVENTO) | |
| | | (INTERVIEW) |
| VIM | TE | VER |
| | | (INTERNO) |
| (TER) | NO | (NOITE) |
| (TERNO) | INVERNO | (NERVO) |
| (NEVER) | (INVERTER) | (NEVER MORE) |

•

nota sobre leminski cancionista

José Miguel Wisnik

Respondendo à inevitável pergunta sobre o “fim da canção”, Luiz Tatit afirmou, com humor, que não só a canção não terminará nunca como, no Brasil, quase todo mundo já experimentou compor uma, nem que seja uma vez. Não seria Paulo Leminski, experimentador de todos os venenos-remédios da poesia, que iria deixar de provar do sabor e do saber da *gaia ciência*. Ainda mais que, descolado dos protocolos da literatura convencional, definiu-se muitas vezes através de um jogo de rótulos contrários, como “punk parnasiano”, “dadaísta clássico”, autor de *Caprichos e relaxos* (que supõem, quando juntos, a aliança da concentração com a descontração), sob o slogan paródico-utópico do *Distraídos venceremos*.

Não é fácil definir esse lugar, entre a erudição e o chamado *desbunde*, entre a disposição da informalidade existencial, no marco da contracultura dos anos de 1970, e as exigências da construção formal, que parecem polares e insolúveis. Leyla Perrone-Moisés definiu, no entanto, de modo preciso, a sua dicção poética como sendo capaz de cortar esse nó com a lâmina afiada de *samurai-malandro*, o sacador-fazedor que estiliza a instantaneidade tendo como background um largo repertório acumulado [ver p. 397]. O curitibano Leminski escancara a condição provinciana, que toma estrategicamente como congênita, sem perder de vista a poesia universal da qual é íntimo, e, ao fazê-lo, comenta a crise da poesia ao

mesmo tempo que cria para si um centro decidido e esquivo, todo feito de meias-palavras inteiras.

De fato, a ambição artística do “paroquiano cósmico” assume astuciosa e sabiamente, como sua, a oscilação irônica entre a grandeza e a desimportância, entre o menor e o enorme, a pretensão e o desconfiômetro, e adere a ela no interior da própria obra. Esse traço de estilo está estampado, por exemplo, na capa da volumosa obra inaugural em prosa, onde o fluxo do “enxame de consciência”, de que é tomado Descartes no trópico, ostenta o nome de *Catatau*, aplicável tanto a um livro grande como a uma espada pequena, a um calhamaço como a um homem baixinho.

Não por acaso Paulo Leminski colocou-se, em boa parte por provocação, no alvo das pendengas sobre o discutido valor literário da poesia contemporânea brasileira, de difícil canonização, como se ele fosse, dela, ao mesmo tempo o arqueiro zen e o calcanhar de Aquiles. Mas aquele que declarou, por ocasião da morte de Drummond, “o trono está vago” foi talvez quem melhor percebeu que, a partir de então, a poesia se fazia em torno do vazio do trono, de qualquer trono, e que toda a questão se concentrava em saber errar o alvo — como o arqueiro zen — com a máxima precisão. A consciência desse fato, motor interno da sua atividade literária, já o coloca, por si só, para além da gangorra entre seus afetos e desafetos.

Numa avaliação rasante, de valor sintomático de época, Bruno Tolentino denunciava pela imprensa, a certa altura, a dominância, na literatura brasileira, de um embuste publicitário, caudatário da atitude deslumbrada e superficial dos tocadores de “berimbau de barbante”, que seguiam a rota supostamente furada do modernismo paulista, da poesia concreta, da poesia marginal e da música popular. Embora genérico, o arco do diagnóstico conservador servia, melhor do que a ninguém, a Paulo Leminski, que tem o mérito de abarcá-lo como um todo. A sua dicção singular, o seu

índice

| | |
|--|-----|
| <i>apresentação</i> — ALICE RUIZ S | 5 |
| quarenta clics em curitiba [1976] | 11 |
| caprichos & relaxos [1983] | 23 |
| <i>caprichos & relaxos (saques, piques, toques & baques)</i> | 27 |
| <i>polonaises</i> | 61 |
| <i>não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase</i> | 81 |
| <i>ideolágrimas</i> | 113 |
| <i>sol-te</i> | 127 |
| <i>contos semióticos</i> | 157 |
| <i>invenções</i> | 161 |
| distraídos venceremos [1987] | 169 |
| <i>distraídos venceremos</i> | 175 |
| <i>ais ou menos</i> | 217 |
| <i>kawa cauim — desarranjos florais</i> | 245 |
| la vie en close [1991] | 255 |
| o ex-estranho [1996] | 339 |
| <i>o ex-estranho</i> | 341 |
| <i>parte de AM/OR</i> | 367 |
| winterverno [2001] | 377 |
| poemas esparsos | 389 |
| <i>nota sobre leminski cancionista</i> — JOSÉ MIGUEL WISNIK | 407 |
| <i>apêndice</i> | 415 |
| <i>nota à edição e às edições</i> | 437 |

COLEÇÃO

PLURAL

POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e xxi que foi Vasco Graça Moura.

TODA POESIA
Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda
© Herdeiros de Paulo Leminski

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e *design* de coleção: André Letria
Revisão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Paginação: Magda M. Coelho
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2813-3
Depósito legal: 467136/20
Código de edição: 1023740
1.ª edição: março de 2020

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt